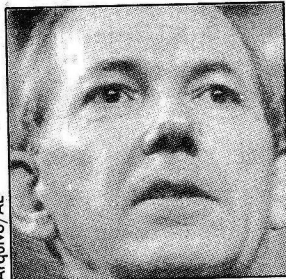


Recessão preocupa FMI

TEMA ESTARÁ NO CENTRO DA REUNIÃO ANUAL

“Eu me regozijo do acordo obtido ontem com o Brasil.” Ao incluir esta frase no discurso que pronunciou ontem na sessão de abertura da 47ª reunião anual do FMI e do Banco Mundial, o diretor-gerente da instituição, Michel Camdessus, oficializou seu apoio ao Brasil, único país em desenvolvimento a ser citado na sua explanação sobre as tarefas que cabem aos países para sair de uma recessão que, atingindo essencialmente os industrializados, afeta todos os outros.

Os conselhos do diretor-gerente do Fundo são diversos para os países industrializados, os ex-países comunistas e os países em desenvolvimento, que hoje são apresentados com um modelo a seguir. O medíocre crescimento dos países industrializados está no centro das preocupações da presente reunião, que se iniciou sob o signo da crise cambial européia após a prolongada queda do dólar. Michel Camdessus aproveitou a oportunidade para explicar essa crise. Certamente reflete a falta de coordenação das políticas econômicas desses países. Optaram por uma política monetária que chegou a ter um peso excessivo, em que as taxas de juros foram o principal instrumento. Tais ta-



Arquivo/AE

Michel Camdessus

xas foram excessivas em alguns países, essencialmente os da Europa, talvez baixas demais num país como os Estados Unidos. Em todos, verifica-se que o equilíbrio das contas públicas foi esquecido.

Com o saneamento das finanças públicas, os países industrializados criarão as condições para reduzir suas taxas de juros e oferecem a possibilidade de uma volta da poupança destinada ao crescimento econômico. Um tal esforço deve ser feito pela Alemanha, os Estados Unidos e a Itália, que possam tomar como exemplo o Japão.

A redução do desemprego deve ser a maior preocupação dos países industrializados. Para atingir tal objetivo, o diretor-gerente do FMI esta propondo três soluções: descentralizar as negociações salariais para que reflitam os resultados financeiros das empresas e o mercado local do emprego; melhorar a formação profissional, sem esquecer de estimular a mobilidade da mão-de-obra; e resolver os problemas sociais mais através da política fiscal e da proteção aos empregados do que da rigidez excessiva das estruturas salariais.

Robert Appy,
enviado especial.